



Eixo Temático

## **8. Questões Teórico-metodológicas da História da Educação**

Título

**Jovens aprendizes em foco: um estudo sobre ensino profissionalizante salesiano na cidade do Rio Grande/RS (1910-1960)**

Autor(es)

**Hardalla Santos do Valle e Giana Lange do Amaral**

Instituição

**PPGE-UFPEL/ Universidade Federal de Pelotas**

E-mail

**hardalladovalle@gmail.com**

Palavras-chave

**Ensino profissionalizante salesiano, Cidade do Rio Grande, Fotografias**

Resumo

O Liceu Salesiano de Artes e Ofícios Leão XIII foi uma das primeiras instituições na cidade do Rio Grande/RS que ofereceu, ao mesmo tempo, aulas de ensino primário, ensino secundário e oficinas profissionalizantes. Todavia, encontram-se poucas informações sobre o passado desta instituição e, principalmente, sobre o ensino profissionalizante que era ministrado. À vista disso, o presente trabalho tem como objetivo investigar as oficinas salesianas rio-grandinas, que ocorreram nas décadas de 1910 a 1960, utilizando como principal subsídio a documentação fotográfica. Para a construção deste panorama, optou-se pelo embasamento teórico-metodológico da História Cultural, bem como pelas concepções da pesquisa bibliográfica e da análise documental. Salienta-se que este texto é fruto de uma pesquisa de doutoramento que se

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



encontra em desenvolvimento. A atualidade e relevância desta abordagem reside na reflexão sobre o uso da fotografia na busca de informações sobre a temática abordada

## Texto Completo

### Introdução

O ensino profissionalizante pode ser considerado uma prática basilar do sistema salesiano de ensino. Na matriz que o orienta, está a ação do padre católico João Bosco (1815-1888), como a principal expressão pedagógica da Ordem.

Cumprir mencionar que Dom Bosco iniciou sua obra reunindo meninos desvalidos para os oratórios festivos<sup>1</sup>. O primeiro oratório, foi fundado em 1841. Como muitos meninos eram analfabetos, foram instaladas aulas noturnas de primeiras letras nestes espaços, nas quais, o catecismo era amplamente ensinado (SANTOS, 2000). Além disso, devido ao fato de que muitas crianças que participavam destas aulas não pertenciam a um núcleo familiar definido, foi criado um local para abrigá-las. Não tardou para esses meninos tornarem-se aprendizes de ofícios, passando o dia nas fábricas e nos canteiros de obras.

Segundo Azzi (1982), João Bosco considerava que o tempo nos canteiros poderia levar ao ócio e aos vícios. Deste modo, ele resolveu instalar oficinas de aprendizagem no local onde os alunos eram abrigados. Surgiram assim, as oficinas de sapataria, alfaiataria, encadernação, marcenaria, impressão, tipografia e serralheria, ministradas na lógica do sistema preventivo<sup>2</sup>.

Conscientes deste panorama, e de forma coerente com a formação recebida, preocuparam-se também com o ensino para o trabalho os primeiros padres salesianos

<sup>1</sup> De acordo com Santos (2000), os oratórios festivos podem ser definidos como aulas de catecismo misturadas a jogos e brincadeiras.

<sup>2</sup> No sistema preventivo de Dom Bosco, o educador deveria ser um guia do educando, que aconselha e corrige com bondade, prevenindo más escolhas de ordem moral e social. Por isso seu sistema tem, como um de seus pilares, o componente *amorevolezza* – carinho. Em oposição, o sistema repressivo preza pelo conhecimento das regras, bem como pela vigia e punição dos eventuais transgressores (SCARAMUSSA, 1984).



que chegaram à cidade do Rio Grande/RS. Inicialmente, eles ministraram pequenas atividades relacionadas ao ensino de ofícios para meninos. Contudo, foi apenas em 1902, com a fundação do Liceu Salesiano de Artes e Ofícios Leão XIII, que este ensino profissionalizante foi legitimado de forma curricular (CATARINA, 2000).

O estudo nas oficinas era destinado aos meninos de classes sociais menos favorecidas que estivessem cursando o quarto ano ou finalizado o primário, havendo preferência aos oriundos do Liceu.

Segundo alguns relatórios da Inspeção Salesiana de Porto Alegre<sup>3</sup>, no começo cobravam-se pelas aulas cerca de 2 a 5.000 réis por mês. Com o passar do tempo, como o diretor da escola optou por tornar as oficinas gratuitas, os alunos e ex-alunos faziam doações à Igreja à medida em que se inseriam no mercado de trabalho. Durante a realização das oficinas, os padres já iam colocando os alunos como auxiliares nas fábricas e nas construções de casas e móveis. Os móveis feitos pelos alunos, por vezes, eram apresentados em exposições públicas para a divulgação e venda do trabalho realizado. Parte do dinheiro obtido, com as vendas, era destinado à Igreja.

As oficinas salesianas rio-grandinas foram oferecidas até a década de 1960. Momento em que, algumas indústrias da cidade fecharam e a demanda por mão-de-obra diminuiu. Nesta década, muitas oficinas profissionalizantes salesianas do Brasil também encerraram suas atividades, devido ao cenário político nacional e as exigências das leis que se referiam à educação para o trabalho (MARTINS, 2006).

Dado o exposto, vem se construindo uma pesquisa de doutoramento, no campo da História da Educação, sobre o tema das oficinas profissionalizantes salesianas de Rio Grande, entre as décadas de 1910 a 1960. Alicerçada, preponderantemente, no diálogo entre fontes<sup>4</sup> diversas (relatórios, jornais e fotografias). Sendo o maior acervo documental desta pesquisa, a fotografia.

<sup>3</sup> A Inspeção Salesiana de Porto Alegre é o espaço, onde está situado o centro de documentação da ordem Salesiana do Rio Grande do Sul. Situada na capital gaúcha, é responsável pela comunicação entre as paróquias, pela salvaguarda da documentação salesiana do estado (entre esta documentação há uma vasta gama de fotografias, relatórios, diários e cartas) e pela execução de possíveis medidas designadas pela Ordem. Alguns documentos, quando selecionados pelos responsáveis dos arquivos, são destinados à Inspeção Salesiana de Belo Horizonte (MG), que possui o centro de documentação brasileiro da Ordem.

<sup>4</sup> Utiliza-se a expressão “fonte”, neste texto, como documento. Esse uso é ancorado em: RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação? **Revista Educar**, Curitiba, Editora da UFPR n.18, p.13-28. 2001, Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/educar/article/view/32815/20799>



A aproximação com esta tipologia documental tornou-se indispensável quando catalogou-se um banco de dados com 275 fotografias. O vasto número de fontes iconográficas disponíveis impulsionou o estudo e a compreensão das especificidades que envolvem esta análise.

Logo, as questões que norteiam o presente trabalho são: Como a análise de fotografias contribui para o estudo sobre as oficinas profissionalizantes salesianas de Rio Grande? Como funcionavam essas oficinas? Quais eram os objetivos deste tipo de ensino ministrado?

Como alicerce teórico-metodológico foram selecionadas a História Cultural (BURKE, 2008) e as metodologias da pesquisa bibliográfica (PIZZANI, 2012) e da análise documental (SAMARA e TUPY, 2010).

Nas linhas que seguem, discorrer-se-á sobre as oficinas profissionalizantes salesianas, sendo o intuito partilhar reflexões que contribuem aos estudos sobre educação católica, ensino profissionalizante e ensino na cidade do Rio Grande. Logo após, será apresentado como se entende o documento fotográfico e como ocorreu a aproximação com este, no arquivo da inspetoria salesiana de Porto Alegre. Salienta-se ainda que, por meio deste trabalho, pretende-se apresentar o encaminhamento de um estudo que vem sendo realizado.

### **As oficinas profissionalizantes salesianas na cidade do Rio Grande**

No Brasil, a relação com os salesianos iniciou em 1877, quando o bispo do Rio de Janeiro, Pedro Maria de Lacerda, encontrou João Bosco em Roma e pediu-lhe que enviasse padres para sua diocese. Depois de visitar o oratório de Valdoco, renovou o pedido com maior ênfase. Em 1882, o padre Lasagna, salesiano de Montevidéu, encontrou-se com o imperador brasileiro em Petrópolis, como emissário de Bosco. Pedro II endossou o pedido do bispo prometendo facilidades (AZZI, 1976).

No ano seguinte, chegaram ao Brasil os primeiros salesianos, vindos do Uruguai, com passagem paga pelo governo brasileiro. Foram para Niterói, na Província do Rio de Janeiro, onde o bispo Lacerda tinha comprado uma chácara para eles. Fundaram aí o



Liceu de Artes e Ofícios Santa Rosa, com subsídios da diocese e de benfeitores pertencentes à nobreza, ao comércio e a alta burocracia do Império. Foram logo instaladas oficinas para aprendizagem dos ofícios de mecânica, marcenaria, alfaiataria, sapataria e tipografia (SANTOS, 2000)

Segundo Cunha (2005) ao fim do século XIX, os salesianos haviam inaugurado escolas em São Paulo (SP), Lorena (SP), Campinas (SP), Cuiabá (MT), Recife (PE), Salvador (BA), e Rio Grande (RS). As duas primeiras cidades brasileiras que receberam oficinas profissionalizantes salesianas foram São Paulo (Liceu Coração de Jesus), em 1886, e Rio de Janeiro (Colégio Santa Rosa), em 1883. A escolha das cidades, de acordo com Catarina (2000), se deu em um acerto do poder público com os salesianos.

Na cidade do Rio Grande, o intuito declarado destas oficinas profissionalizantes era de promover para os meninos desvalidos uma vida com melhores condições financeiras, alicerçada em preceitos de constituição de um bom cristão e um bom cidadão. Condições essas, que seriam adquiridas pelo esforço do trabalho. Estavam entre as profissões ensinadas: a marcenaria, mecânica, carpintaria civil, tipografia, encadernação e a alfaiataria.

**Figura 1:** aprendizes do curso de marcenaria em 1927.



**Fonte:** acervo da Inspetoria Salesiana de Porto Alegre.

Na imagem das oficinas de 1927, pode-se analisar que as aulas eram ministradas em um espaço rudimentar. Não havia muita organização. As mesas eram colocadas de forma próxima, os objetos já concluídos e ou em processo de feitura eram dispostos ao canto. Em algumas mesas trabalhavam dois alunos, em outras, um aluno. Mesmo com um chão coberto por serragem, alguns meninos participavam das aulas descalços. Por óbvio, muitos alunos não possuíam condições de comprar calçados. Contudo, o fato destes meninos, com idade entre oito e quinze anos, não possuírem nenhum tipo de proteção para o desenvolvimento do trabalho induz-nos a cogitar que diversos acidentes possam ter ocorrido durante as oficinas.

Esse cenário de meninos trabalhadores, segundo Ciavatta (2012) é facilmente encontrado em fotografias. Em sua concepção, estas fotos evidenciam as diversas temporalidades do período: o desenvolvimento industrial que ainda convivia com técnicas produtivas artesanais, a ideologia do progresso e da modernização que

legitimava a transformava a cidade e as novas relações de trabalho que conviviam com a pobreza da população trabalhadora.

A fotografia que segue, mostra uma aula da disciplina de construção de obras. Esse processo de aprendizagem ocorreu no final da década de 1930. Momento em que as obras no novo prédio da instituição estavam no ápice.

**Figura 2:** disciplina de construção de obras. Final da década de 1930.



**Fonte:** acervo da Inspeção Salesiana de Porto Alegre.

De imediato, analisa-se que a prática do ensino profissionalizante salesiano era, em alguns momentos, conveniente a instituição que a exercia. Do mesmo modo que, em 1900, os primeiros salesianos ensinaram o trabalho através da obra do primeiro prédio, os novos padres faziam o mesmo no final da década de 1930, com o segundo prédio.

Talvez, porque acreditavam que os alunos teriam que praticar em algum lugar. Então, porque não na obra da escola? Mas, também há chances de a construção civil ser uma matéria, estipulada no currículo, de acordo com as demandas estruturais da instituição.

**Figura 3:** oficina de mecânica, década de 1940.



**Fonte:** arquivo da Inspetoria Salesiana de Porto Alegre.

Na década de 1940, observa-se algumas mudanças nas oficinas profissionalizantes salesianas de Rio Grande. Estas funcionavam agora no novo prédio da instituição. Nesta foto, a sala está disposta de forma organizada, as bancadas têm a altura da cintura dos meninos, os alunos usam avental e trabalhavam um por mesa. Enquanto uns utilizavam as máquinas existentes, os outros esperavam sua vez. Sendo este registro “montado”, intencionalmente disposto, ou não, nota-se que o ensino do trabalho assumiu uma nova roupagem. Silveira (2014), enfatiza que a década de 1930 foi provincial no que diz respeito às leis para educação profissionalizante, bem como foi uma época em que o governo começou a centrar mais atenção em suas escolas técnicas federais. Logo, em tempos de novas exigências, cabia adequar-se, modernizar-se, ou





encerrar as atividades. Ressalto que na década de 1940, o Liceu Salesiano ainda recebia verbas públicas, porém menores, pelo ensino nas oficinas.

Nesta mesma década, um ano após a criação do SENAI no Brasil, ocorreu uma reunião na escola Liceu Salesiano Leão XIII para acertar os detalhes de uma parceria entre as duas instituições.

No jornal Rio Grande, anunciava-se os objetivos do SENAI:

#### SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL

Visitaram a redação do Rio Grande, ontem os srs. João Fermiano da Silva e Afonso H. Somnitz, funcionários do Departamento de Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, instituído recentemente por decreto do sr. Presidente da República. O Serviço Nacional de Aprendizagem anuncia os seguintes objetivos: a) organizar e manter, em todo o país, ensino de ofício cuja execução exija formação profissional, para aprendizes empregados nos estabelecimentos industriais; b) proceder a seleção profissional dos candidatos e aprendizes industriais; c) organizar e manter cursos extraordinários para empregados na indústria; d) assegurar bolsas de estudos a operários, diplomados ou habilitados e de excepcional valor, para aperfeiçoamento ou especialização profissional; e) contribuir para o desenvolvimento de pesquisas tecnológicas de interesse para a indústria; f) manter um serviço especial de engajamento, facilitando o fornecimento de “mão-de-obra” para a indústria; g) cooperar na organização dos Cursos de Ensino Industrial de Emergência; h) organizar e administrar escolas de aprendizagem, não somente para trabalhadores industriários, mas também para trabalhadores de transporte, comunicações e pesca; i) ministrar o ensino de continuação, de aperfeiçoamento e especialização; j) estabelecer, na forma legal, contato com indústrias no sentido de organizar escolas de aprendizes nas zonas de maior concentração industrial, ficando os estabelecimentos industriais obrigados a empregar e matricular nos cursos do SENAI um número de aprendizes equivalentes a 5%, no mínimo, dos operários existentes em cada estabelecimento, e cujos ofícios demandam formação profissional, tudo de acordo com o que dispõe o Decreto-Lei 4.481 de 16 de julho deste ano (JORNAL RIO GRANDE, 21 de dezembro de 1942).

O Decreto 4.481 de 16 de julho de 1942<sup>5</sup>, ao qual o jornal se refere, estabelecia no art. 1º que os estabelecimentos industriais de qualquer natureza eram obrigados a

<sup>5</sup> Decreto disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/Del4481.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del4481.htm)

empregar, e matricular nos cursos mantidos pelo Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários (SENAI) um número de aprendizes equivalente a 5%, no mínimo, dos operários existentes em cada estabelecimento, e cujos ofícios demandem formação profissional; e ainda um número de trabalhadores menores que seria fixado pelo Conselho Nacional do SENAI, e que não excederia a três por cento do total de empregados de todas as categorias em serviço em cada estabelecimento.

Até este ponto, a partir da pesquisa com documentos, encontrou-se no arquivo da Inspeção Salesiana de Porto Alegre, como registro desta reunião, apenas a foto acima e uma pequena anotação, em um relatório, que afirmava a existência de negócios com o SENAI.

**Figura 4:** reunião dos padres salesianos de Rio Grande com representantes do SENAI. Dezembro de 1942.



**Fonte:** arquivo da Inspeção Salesiana de Porto Alegre.

Na imagem, não se vê o diálogo enunciado nos documentos, mas uma exposição de ideias para um público formado, preponderantemente, por padres. Essa mensagem



visual, é facilmente compreendida quando Cunha (2005) assinala que a parceria entre SENAI e os salesianos, foi acordada em nível nacional.

Na opinião do autor, as oficinas salesianas não acompanharam as inovações do mercado de trabalho e, por isso, se limitaram em sua articulação com as indústrias.

A “deformação” da obra salesiana no Brasil, em relação aos objetivos iniciais do fundador e ao realizado em outros países, revela um aspecto relevante da formação de nosso aparelho escolar. Os liceus de artes e ofícios salesianos prometeram um desempenho muito acima dos seus homólogos que sobreviveram ao período imperial, pela intensidade e pela sistematização da aprendizagem profissional, e pelo mecanismo mais regular de captação de recursos[...]. No entanto, por essa época, a burguesia já havia definido o ensino secundário como integrante da educação corrente de seus jovens, perspectiva visada, também, pelos setores de renda mais elevada das ainda acanhadas camadas médias. O resultado foi, assim, a adaptação da obra salesiana às condições sociais e econômicas do Brasil, abandonando-se progressivamente a direção traçada na Itália. Assim, em vez da formação do proletariado visando impedir a influência do anarquismo, do socialismo e do comunismo nessa classe, prevaleceu a formação intelectual e moral das próprias classes dirigentes (CUNHA, 2005, p.59).

Nesta linha, pode-se pressupor que a parceria com o SENAI foi uma tentativa dos salesianos de modernizar-se em seus métodos e ingressar no mercado. Todavia, Cunha (2005) aponta que essa experiência não deu certo devido às contradições de princípios educativos entre os docentes salesianos e os empreendedores do SENAI. O último, queria maior influência socializadora das fábricas, ao passo que os salesianos fechavam-se no âmbito da escola.

Acrescenta-se que a modernização do ensino pode ter funcionado como um elemento propulsor desta parceria, mas não é o único. É preciso observar que o foco de investimentos no ensino profissionalizante privado, naquele momento, era o SENAI. Assim sendo, os salesianos buscaram nesta parceria também meios de sustentar o funcionamento das suas oficinas, uma vez que, o apoio financeiro de origem pública era, cada vez mais, escasso à profissionalização realizada pelas ordens católicas.

Ao direcionar esse panorama para Rio Grande, a partir do trabalho de análise documental, pode-se afirmar que o ensino profissionalizante salesiano manteve-se associado ao SENAI até a década de 1950.

No ano de 1943, encontra-se no jornal Rio Grande propagandas que evidenciam a parceria entre o Liceu Salesiano de Artes e Ofícios Leão XIII e o Serviço Nacional de



Aprendizagem Industrial (SENAI). Nesta imagem, lê-se que os cursos oferecidos por essas instituições eram gratuitos. Outro ponto que deve ser assinalado, é que o contato para informações sobre os cursos era a secretária do Liceu. O que corrobora a afirmativa de Cunha (2005), que alguns cursos do SENAI, nos seus primórdios, funcionaram em escolas da ordem salesiana.

**Figura 5:** propaganda dos cursos profissionalizantes do SENAI em parceria com o Liceu Salesiano de Artes e Ofícios Leão XIII.



**Fonte:** Jornal Rio Grande, de 04 de setembro de 1943. Acervo da biblioteca rio-grandense.

Na década de 1960, no Brasil, os cursos profissionalizantes ministrados pelos salesianos vão, paulatinamente, sendo encerrados. Martins (2006) relata que a cidade do Rio Grande, na época produtora de bens não-duráveis, desde o final do século XIX se viu prejudicada por fatores como a precariedade do transporte de cabotagem, a dificuldade de renovação do parque produtivo e a concorrência desvantajosa frente às novas indústrias que se consolidavam no sudeste. Com efeito, muitas empresas acabaram fechando suas portas durante a década de 1960. Essa conjuntura ocasionou uma menor necessidade de mão-de-obra. Soma-se a isso, o fato que os poucos alunos que poderiam interessar-se pelas aulas profissionalizantes tinham agora a opção de efetivar seu aprendizado no SENAI, e que as escolas técnicas estavam ampliando-se.



## **Sobre os bastidores da pesquisa: o encontro com as fotografias**

Trabalhar com fotografias é dialogar com documentos complexos, que concedem indícios por meio dos itens mais singelos, como gestos, objetos e cores. Nesse sentido, entre as múltiplas possibilidades suscitadas por essa fonte, podemos citar a compreensão de espaços urbanos, de espaços institucionais, de tradições culturais, de uma organização disciplinar, entre outras.

A análise do documento fotográfico se dá por meio de um “exercício do olhar”, que só existe quando o pesquisador está embasado teoricamente sobre esta tipologia documental e o contexto da materialidade. Este “exercício do olhar” é o que possibilita a efetivação de uma boa interpretação do conjunto simbólico expresso na imagem (ABDALLA, 2013).

Mauad e Lopes (2014, p.1) corroboram com esta ideia, quando advertem que as imagens são ricas e, por vezes, podem parecer comunicar mais do que se quer mostrar. Os autores sublinham que não é difícil encontrar no vocabulário sobre imagens a concepção de que é preciso adestrá-las, apará-las ou despi-las de supostos excessos, principalmente quando se quer uma imagem objetiva e útil ao conhecimento científico. Eles enfatizam: “é como se elas tivessem uma vida própria que deveríamos compreender para, por que não, escová-las a contrapelo”.

Vale ressaltar que a imagem expressa no documento fotográfico é composta por uma multiplicidade de significados e também possui sua própria trajetória, que muito pode ter a declarar sobre o foco de análise. Como afirma Burke (2004), Borges (2011) e Mauad (2013), “é preciso estar atento aos pequenos detalhes”.

Kossoy (2012) enfatiza que, quando se faz pesquisa com fotografias, a construção de um banco de dados é recomendada por duas razões: primeiro por propiciar, durante o processo de análise, o rápido encontro das fontes coletadas e, segundo, por facilitar a disseminação das informações através de uma lógica organizada.



Neste caso, as fotografias estudadas fazem parte de um imenso acervo da Inspeção Salesiana de Porto Alegre. O acesso a estes arquivos se deu de maneira muito receptiva por seus responsáveis que, por vezes, ajudaram a reproduzir estas imagens para a realização mais confortável da avaliação e catalogação dos dados.

A organização destas fotografias se deu por temática central, dispostas em quatro eixos: práticas escolares (aulas), práticas escolares (religiosas), prédio escolar, oficinas profissionalizantes.

**Tabela 1:** fotografias pesquisadas no acervo da Inspeção Salesiana.

Tema central	Número de fotografias
1.Práticas escolares (aulas)	41
2.Práticas escolares (religiosas)	97
3.Prédio da escola	70
4.Oficinas profissionalizantes	67

**Fonte:** tabela construída pelas autoras.

Guardadas em pastas e caixas de arquivo, a maioria das fotografias está em ótimo estado de conservação. A datação é um ponto que merece destaque. Todas as fotos do arquivo da Inspeção estão catalogadas pela cidade a qual se referem e ano (ou década). Dentre aquelas que selecionei, relacionadas à cidade do Rio Grande, a datação varia de 1912 a 1969. Algumas possuem no verso a anotação do ano, local e fotografados.

No decorrer da pesquisa, as fotografias associadas a relatórios e jornais, possibilitaram a obtenção de dados sobre professores, prédios da instituição estudada, práticas escolares, questões disciplinares, número de alunos por turma, tipo de máquinas que eram utilizadas nas oficinas, uniformes dos alunos, organização das exposições, visualização de ruas da cidade, práticas religiosas que eram realizadas dentro da escola e etc.

Desse modo, podemos afirmar que a fotografia é uma extensão fragmentada do contexto em que é produzida e que, quando associada a outras fontes, pode ser um precioso meio de obtenção de informações e sentidos.



Sobre a utilização da fotografia em pesquisas de história da educação, em certo sentido, podemos afirmar ainda que:

[..] tais registros são objetos culturais que guardam fortes vínculos entre a memória dos personagens da escola e a memória da própria instituição, visto que enquanto documentos, essas fotografias se consistem em testemunho e representação da escola em determinada época, pois revelam a um só tempo o modo de ser, mas também o de se conceber a escola; além de revelar formas determinadas de os sujeitos se comportarem e representarem seus papéis – professor, aluno, classe etc. (BENCOSTTA, 2011, p.400).

Essa teia de significados sobre a escola, que pode estar expressa nas fotografias, constitui um aporte documental sobre diversos objetos que podem compor os estudos históricos educacionais. Na pesquisa de doutorado que neste texto é descrita, as fotografias construíram um suporte para o estudo dos avanços ocorridos em uma experiência de educação profissionalizante. Com um foco semelhante em seu artigo “A cultura material escolar em trabalho e educação. A memória fotográfica de sua transformação”, Ciavatta aponta que:

[..] mais do que os documentos escritos, a memória preservada nas fotografias expressa a mudança profunda na materialidade escolar, que acompanha, em cada época, a transformação dos processos produtivos impulsionados pelos objetivos de política educacional, pelo desenvolvimento científico-tecnológico e pela nova organização do trabalho (CIAVATTA, 2009, p.40)

Assim sendo, a fotografia auxilia na compreensão do fazer escolar ao longo dos tempos e espaços. O registro da organização das classes, do cenário que se tinha nas escolas, da mudança na figura do professor, dos cuidados com a limpeza do espaço, entre outros aspectos, traduz por signos como a educação formal era efetivada e os motivos desta configuração.

Enfim, o documento iconográfico é uma pequena tela de complexas representações, que muito tem a dispor ao pesquisador da história da educação. Contudo, cuidados são necessários. Cabe ao pesquisador armar-se teoricamente e



exercitar sua análise, para conseguir descortinar todas as informações contidas nos singelos detalhes destas imagens.

### **Considerações finais**

Por tudo que foi exposto, é possível afirmar que as possibilidades suscitadas pelas fotografias, para as pesquisas históricas educacionais, são inúmeras. Porém, os cuidados com este tipo de documento também devem ser muitos. O primeiro é sempre considerar a fotografia como um símbolo fragmentado do contexto estudado. A fotografia nunca fala por si. Para captar as informações presentes no documento iconográfico é preciso associá-lo a outras fontes, como documentos oficiais e jornais. Outra cautela que se deve ter é a investigação da trajetória da fotografia, pois todo registro iconográfico é composto por diversas intencionalidades e possui uma história própria (que envolve tanto os sujeitos de sua concepção, como o lugar onde a foto está guardada).

Vale destacar que esse trabalho foi construído de forma que o pano de fundo teórico-metodológico e a pesquisa de doutoramento que foi exposta, estivessem amarrados. Essa organização textual teve como foco evidenciar um dos caminhos e escolhas presentes no percurso de uma pesquisa.

Apresentou-se aqui a concepção que foi adotada acerca da pesquisa com fotografias, assim como dados e análises sobre o Liceu Salesianos de Artes e Ofícios Leão XIII da cidade do Rio Grande.

Ressalta-se que para além da discussão destes aspectos, foi intenção evidenciar o modo como vem sendo estruturada parte de uma pesquisa de tese que se encontra em andamento. Opção assumida por considerar que a apresentação e o diálogo sobre a operacionalização dos rumos de uma investigação em curso se fazem agregadores ao amadurecimento da pesquisa e aos eventuais caminhos que outros olhares podem apontar.





## Referências

ABDALA, Rachel. **Fotografias escolares: práticas do olhar e representações sociais nos álbuns fotográficos da Escola Caetano de Campos (1895-1966)**. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04112013-113939/pt-br.php>

ALKIMIN, Maria Aparecida. A proposta educativa de Dom Bosco centrada na proteção integral e no cuidado especial com a criança e o adolescente. **Revista de Ciências da Educação**. v. 2 (2014). Disponível em:

[http://revista.unisal.br/ojs/index.php?journal=educacao&page=article&op=view&path\[\]=302&path\[\]=0](http://revista.unisal.br/ojs/index.php?journal=educacao&page=article&op=view&path[]=302&path[]=0)

AZZI, Riolando. **A obra de Dom Bosco em Santa Catarina**. São Paulo: Ed. salesiana Dom Bosco, 1982.

\_\_\_\_\_. **Os Salesianos no Brasil**. São Paulo: Ed. Dom Bosco, 1983.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, p. 23-79, 2009.

BARROS, Armando Martins. O tempo da fotografia no espaço da história: poesia, monumento ou documento? In: NUNES, C. (Org.) **O Passado sempre presente**. São Paulo: Cortez, 1992.

BENCOSTTA, Marcus. Memória e Cultura Escolar: a imagem fotográfica no estudo da escola primária de Curitiba. **Revista História** (São Paulo) v.30, n.1, p. 397-411, jan/jun 2011.

BORGES, Maria Eliza. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011.

BOSCO, João. **Memórias do oratório de São Francisco de Sales (de 1815 a 1855)**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1982.

BOSCO, Terésio. **Dom Bosco: uma bibliografia nova**; tradução de Hilário Passero. São Paulo: Dom Bosco, 1993

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



\_\_\_\_\_. **A escrita da História: novas perspectivas.** São Paulo: UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. **Testemunha ocular.** Bauru/SP: EDUSC, 2004.

CASTILHO, Carália Rocha. **Escola Normal Juvenal Miller (1913-1963): Histórico.** Rio Grande, 1963.

CATARINA, Fausto Santa. **Liceu Salesiano Leão XIII: 100 anos (1901-2001),** São Paulo: Escolas profissionais salesianas, 2000.

CESAR, Willy. **Centenário do Colégio Lemos Júnior.** Rio de Janeiro: UniverCidade, 2007.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CIAVATTA, Maria. A Cultura Material Escolar em Trabalho e Educação. A memória fotográfica de sua transformação. **Educ. e Filos. Uberlândia**, v. 23, n. 46, p. 37-72, jul./dez. 2009.

COSTA, Mauro Gomes da. **A ação dos salesianos de Dom Bosco na Amazônia.** Manaus: EDB, 2009.

DALCIN, Andréia. **Cotidiano e práticas salesianas no ensino de matemática entre 1885-1929 no Colégio Liceu Coração de Jesus de São Paulo:** construindo uma história. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2008.

FALCÃO, João Alberto Ferreira. **A educação salesiana no internato de Barcelos analisada à luz do sistema pedagógico salesiano e da visão de ex-alunos.** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Amazonas, 2008.

FREITAS, Zozaide Rocha de. **História do ensino profissional no Brasil.** São Paulo: Graf. São José, 1954

ISAÚ, Pe.Manual. **O ensino profissional nos estabelecimentos de educação dos Salesianos.** Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 1976.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história.** São Paulo: Ateliê editorial, 2012.

\_\_\_\_\_. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** São Paulo: Ateliê Editorial, 1999. p.149

[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne (org.) **O Fotográfico**. São Paulo: Hucitec/CNPq, 1998.

MANFROI, José. **A missão salesiana e a educação em Corumbá: 1899-1996**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 1997.

MARCIGAGLIA, Luiz. **Os salesianos no Brasil**. vol.1. São Paulo, Editora Salesiana, 1955.

MARCIGAGLIA, Luiz. **Os salesianos no Brasil**. vol.2. São Paulo, Editora Salesiana, 1958.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia pública e cultura visual em perspectiva histórica. **Revista Brasileira de História da Mídia**. Porto Alegre/ São Paulo, v.2, nº 2, p.11-20, jul/dez de 2013.

\_\_\_\_\_. Olhos para ver e conhecer: fotografia e os sentidos da história. In: GAWRYSZEWSKI, Alberto. **Imagem em debate**. Londrina: Eduel, 2011.

MAUAD, Ana Maria e LOPES, Marcos. **Imagem, História e Ciência**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum, Belém, v. 9, n. 2, p. 283-286, maio-ago. 2014. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v9n2/a02v9n2.pdf>

MICHELON, Francisca e TAVARES, Francine Silveira. **Fotografia e Memória**. Pelotas: UFPEL, 2008.

PASSOS, Pe. Dílson. **Os Primórdios do Ensino Superior Salesiano no Brasil: Uma Abordagem Histórica**. *Revista de Ciências da Educação*, n. 27, 2012.

PONTES, Agenor Vieira. **Centenário da obra salesiana no Brasil**. Belo Horizonte: SSV, 1983.

QUERIDO, Débora Maria Marcondes. **Os Salesianos na construção de um espaço urbano: o Liceu Coração de Jesus em São Paulo nos finais do século XIX**. Publicação do Grupo de Estudos História da Educação e Religião-GEHER-USP (2011). Disponível em: [www.geher.fe.usp.br](http://www.geher.fe.usp.br)

RUCCO, Italo. **O amor pedagógico pesquisado de Platão a Dom Bosco**. Tese de Doutorado da Escola Pós-Graduada de Ciências da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1977.



RUDIO, Franz Victor. **Em busca de uma educação para a fraternidade**. São Paulo: Dom Bosco, 1983.

SAMARA, Eni e TUPY, Ismênia. **História & documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010.

SANTOS, Carlos Silva. **O Colégio Estadual Lemos Júnior**: meio século (1906-1956). Redação e organização a cargo do secretário do instituto, 1956.

SANTOS, Manoel Isaú Souza Ponciano dos. **Luz e sombras**: internatos no Brasil (As escolas sob regime de internato e o sistema salesiano de educação). São Paulo: Ed. Salesiana, 2000.

SCARAMUSA, Tarcísio. **Sistema preventivo de Dom Bosco**: um estilo de educação. São Paulo. Ed. Salesiana, 1984.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Fotografias escolares**: a leitura de imagens na história da escola primária. Educar em Revista. n.18, 2001. p. 75-101

VIÑAO, Antonio Frago. **El espacio y el tiempo escolares como objecto histórico. Contemporaneidade e Educação** (Temas de História da Educação), Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Cultura Escolar, v. 5, n. 7, 2000.